

I Congresso Latinoamericano / II Congresso Nacional de Museos  
Universitarios

La Plata – Buenos Aires - Argentina

**Debatir para construir: un espacio de reflexión sobre el  
patrimonio**

Organizado por la Red de Museos de la Universidad Nacional de La  
Plata / Secretaría de Extensión

Universitaria / Universidad Nacional de La Plata.

**TITULO:**

**Um olhar sobre o que é visto, suas organizações e seus sentidos.  
Apresentação sobre as mostras das galerías do Museu do  
Cárcere / Ecomuseu Ilha Grande da UERJ.**

EJE: 3 - Exhibición - Ponencia

**AUTORES: Prof. Dr. Gelsom Rozentino de Almeida, Prof. Dr. Ricardo Gomes Lima &  
Ana Luiza Castro Amaral**

REFERENCIA INSTITUCIONAL:

Dirigentes do Ecomuseu Ilha Grande – UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

CONTACTOS:

[rozentino@gmail.com](mailto:rozentino@gmail.com)

[rgomeslima50@gmail.com](mailto:rgomeslima50@gmail.com)

[anacastrodoamaral@gmail.com](mailto:anacastrodoamaral@gmail.com)

**Introdução**

O Museu do Cárcere - ou MuCa, como também é carinhosamente chamado – vem enfrentando com sucesso grandes desafios. É um museu que tem como temática central o universo prisional, mas não é um museu penitenciário. É ainda, ao mesmo tempo, um ecomuseu e um museu universitário.

Considerando a função social do museu e da universidade, o Museu do Cárcere/Ecomuseu busca se consolidar como espaço que proporciona o encontro de diferentes campos do saber, como ponto de interseção de diferentes disciplinas e grupos de pesquisa, da graduação e da pós-graduação, intermediando saberes acadêmicos e os produzidos pela comunidade, promover o estudo e a elucidação de problemas relativos a temas relevantes e estratégicos para o desenvolvimento da cidadania e dos direitos humanos, de forma a contribuir de maneira efetiva para o campo científico e social. Assim, na interação e integração de saberes, sujeitos e interesses, investe-se no poder transformador do conhecimento e de suas próprias formas de produção, possibilitando a realização de uma “ecologia de saberes”.

O Museu do Cárcere tem como principal objetivo o registro da história e memória do sistema penitenciário do Estado do Rio de Janeiro, em especial dos vários complexos que, no passado, existiram na Ilha Grande, visando à compreensão do sistema prisional brasileiro mais amplo. Ao mesmo tempo, como uma das unidades integrantes do Ecomuseu Ilha Grande, desenvolve atividades de aproximação com o público, constituído pelos moradores da ilha e por turistas brasileiros e também estrangeiros que visitam a região. Para tal, propõe ações de educação patrimonial, não formal, junto à comunidade bem como projetos de preservação, investigação e divulgação dos conhecimentos e patrimônios material e imaterial, suportes de memória social, relacionados à história do sistema prisional e à cultura da região.

### **O MuCa, uma unidade do Ecomuseu Ilha Grande: um pouco de história**

O Museu do Cárcere tem como sede as instalações do Instituto Penal Cândido Mendes, localizado em Vila Dois Rios, na Ilha Grande, no litoral fluminense, entre as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Considerada a terceira maior ilha do país, a Ilha Grande está profundamente marcada pela história de suas prisões. No século XIX teve origem o presídio do Lazareto,

destinado a abrigar aqueles indivíduos que, recém chegados ao país, fossem suspeitos de portar doenças infecto contagiosas. A instituição funcionou de 1886 a 1913 como hospital, tendo atendido a 4.232 embarcações, das quais 3.367 foram desinfectadas. Dividida em três pavilhões, assemelhava-se à divisão interna dos navios de imigrantes que se distribuíam em primeira, segunda e terceira classes.

O pavilhão da terceira classe foi transformado em presídio em 1902 e, em 1938, foi criada a Penitenciária Agrícola do Distrito Federal. Em 1941, a denominação mudou para Colônia Penal Cândido Mendes, que recebeu presos comuns oriundos da Colônia Agrícola de Dois Rios, para que esta abrigasse presos políticos da Segunda Guerra Mundial. Em 1963, os presos que ali estavam foram transferidos para outro presídio na cidade do rio de Janeiro e o prédio do antigo lazareto foi demolido.

Em Dois Rios, ainda em 1894, o governo federal havia construído a Colônia Correcional de Dois Rios, destinada a indivíduos de ambos os sexos. Porém três anos depois essa colônia foi extinta. Em 1903 a unidade prisional foi reaberta, primando pela reabilitação pelo trabalho e instrução “dos mendigos válidos, vagabundos ou vadios, capoeiras e menores viciosos”.

Em 1956, a Colônia Correcional passou a se denominar Instituto Penal Cândido Mendes, mantendo a estrutura que até então tinha, com os internos trabalhando inclusive fora dos muros da unidade, em atividades como pesca e agricultura.

Na década de 1960, o presídio passou a receber presos políticos, vítimas da ditadura militar, além de “presos comuns”, até que, em 1993 foi desativado, quando contava aproximadamente 600 presos.

Em 1994 o complexo de prédios foi parcialmente implodido e, no mesmo ano, a Universidade do estado do rio de Janeiro passou a ser cessionária das antigas instalações e benfeitorias do Instituto Penal Cândido mendes, em Vila Dois rios.

Acatando dispositivos legais e procurando ampliá-los, a UERJ iniciou ações com vistas à criação do Ecomuseu Ilha Grande, o que aconteceu em 20 de dezembro de 2007. Em 05 de junho de 2009 foi inaugurada a primeira unidade do

Museu do Cárcere, com a exposição “Cem anos de presídio”, instalada no prédio parcialmente reformado em que funcionara a padaria do sistema prisional.

## **Reformas e obras de infraestrutura**

A partir de 2012, o espaço foi ampliado com a conclusão da reforma do primeiro prédio (a antiga padaria) e a recuperação do prédio da guarda, bem como da fachada da antiga unidade prisional, sobreviventes da implosão. Foram instalados sistema elétrico, hidráulico, refrigeração, sistema de câmeras de vigilância, computadores, internet, mobiliário, reserva técnica, composição do acervo. Tudo isso realizado por etapas, mas num só fôlego.

Foram realizadas obras, iniciadas em setembro de 2010 e concluídas em julho de 2011, objetivando recuperar as instalações e ampliar a infraestrutura com a incorporação das salas remanescentes da padaria do antigo Instituto Penal Cândido Mendes, a fim de que neste espaço fosse implementada a Reserva Técnica do Museu do Cárcere, fazendo com que esta esteja plenamente apta e equipada ao desenvolvimento de um trabalho museológico voltado para a preservação do acervo da instituição. Neste sentido, foi realizada a adaptação da estrutura física de duas salas, para abrigar a Sala de Conservação, o Laboratório de Higienização e a Reserva Técnica do museu. Além disso, foram construídos uma sala para a administração, um banheiro e uma copa-cozinha para os funcionários. Foram instalados equipamentos de ar condicionado (modelo split) em todos os espaços deste prédio, desde o amplo salão de exposição às duas novas salas.

Em abril de 2011 foram iniciadas as obras de recuperação estrutural do Prédio da Guarda que, em alguns pontos, corria sérios riscos de desabamento. A etapa seguinte foi a ampliação das instalações do MuCa, com a reforma das salas do Prédio da Guarda, incluindo obras das instalações hidro-sanitárias, instalações elétrica, retirada do emboço velho, colocação do novo emboço em toda a fachada,

impermeabilização das partes internas, retirada de toda cobertura antiga da laje (com sérias infiltrações), redistribuição do espaço, construção de dois banheiros, instalação de equipamentos de informatização e de segurança.

O Museu do Cárcere inaugurou em 13 de dezembro de 2012 um novo prédio – o Prédio da Guarda - e novas instalações e exposições, a partir de financiamento da FAPERJ, com a presença do Reitor Ricardo Vieiralves de Castro, autoridades e representantes e a comunidade, presente em grande número. Foi o início de um novo tempo e de novos desafios para o museu.

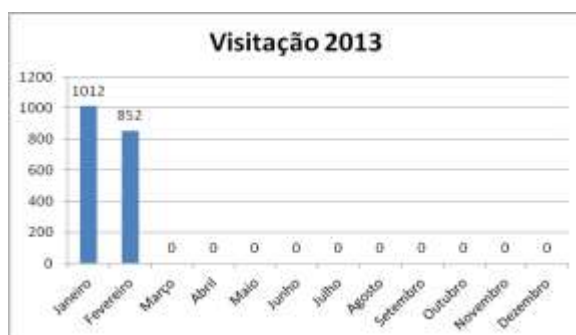
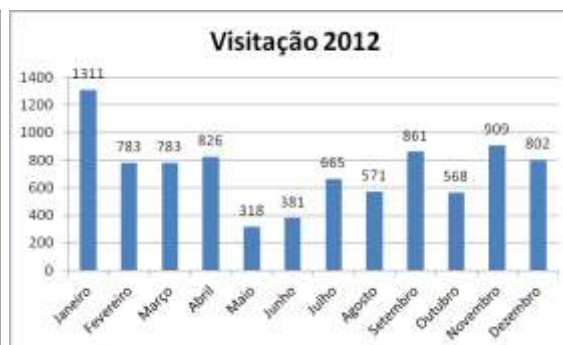
## **Público**

A visitação do MuCa é bastante significativa, com cerca de 600 visitantes ao mês, ultrapassando 1.500 na alta temporada. No verão de 2011 o fechamento da estrada entre Vila de Dois Rios e Abrão, principal via de acesso, entre dezembro de 2010 e março de 2011, dificultou enormemente o acesso, que só pode ser feito por barco ou trilha.

O público é formado por alunos e pesquisadores em atividade no CEADS, a maioria da UERJ, mas também de outras instituições, turistas nacionais e estrangeiros, estudantes do ensino fundamental de escolas da região (da Ilha Grande e também de Angra dos Reis e Mangaratiba). As visitas, que podem ser agendadas, são guiadas pela arte educadora. Sempre disponível, Seu Júlio, expreso e morador da Vila, é sempre uma fonte inesgotável de histórias para os visitantes.

Cabe registrar que tem aumentado a procura de pesquisadores e estudantes sobre o sistema prisional para agendar visitas ao MuCa e às ruínas, o que é bom, mas reforça as limitações de infraestrutura do Ecomuseu Ilha Grande.

É importante destacar que é na visitação que o museu pode cumprir a sua missão. E que ao fazer isso – e bem – reforça a identidade da universidade junto às comunidades interna e externa.



## As exposições

Um das missões centrais dos museus é democratizar o acesso da população aos bens culturais, democratizar a produção cultural e ampliar o consumo cultura. De forma crescente os museus tem sido reconhecidos como um ator de desenvolvimento económico e social no nível local, através da oferta de serviços de atividades culturais, integradas a reflexão sobre a comunidade e pela comunidade.

As exposições constituem um instrumento-chave para permitir o acesso público aos acervos de museus. Podem ser inovadoras, inspiradoras e conduzir o visitante à reflexão, proporcionando ótimos momentos de prazer e aprendizagem. No entanto, é necessário um cuidadoso planejamento, incluindo a questão dos custos envolvidos, para que a exposição seja um sucesso. É fundamental pensarmos inicialmente na função de cada exposição, no que queremos mostrar ao público, tempo de exposição (longo ou curto), as tecnologias, como isso será feito, o tema, público-alvo, ou seja, é prioritário o estabelecimento de nossos objetivos e métodos para a definição da plataforma apropriada.

O visitante preparado terá a possibilidade de realizar uma leitura crítica e questionadora sobre a instituição visitada, pois o museu não apresenta apenas os objetos, mas o trabalho das inter-relações dos homens com seu meio e com o fato cultural, num espaço tempo histórico determinado, sendo assim um agente de ação cultural e educativa. Não se trata de uma simples ação de apresentação de objetos em uma exposição, mas sim, desenvolver o material trabalhado como fonte de informação. A cultura material não é apenas um objeto dentro de um cenário, e sim um artefato dentro da interação social, produzindo conhecimento.

O MuCa possui atualmente 5 galerias ocupadas com mostras que objetivam uma integração efetiva entre os diferentes saberes da universidade e da comunidade, a saber: **100 anos de presídios na Ilha Grande** - apresenta um panorama dos cem anos (1894-1994) de história das instituições carcerárias na Ilha Grande que se divide em três tempos: o primeiro trata da Colônia Correccional de Dois Rios que, durante as primeiras décadas republicanas, confinou uma população indesejável sobre o pretexto de regenerá-la; o segundo aborda o funcionamento das colônias agrícolas criadas durante o Estado Novo (1937-1945) e o terceiro se refere à criação e à destruição do Instituto Penal Candido Mendes, penitenciária de segurança máxima. **Sistema penitenciário do Rio de Janeiro: ontem e hoje** - busca contribuir para uma visão sobre a construção e o funcionamento de várias unidades penais e hospitalares que integram a estrutura do sistema penitenciário brasileiro ao longo da história. Nela são apresentados registros fotográficos que retratam passagens da história e do

cotidiano das prisões. Contribuindo para a compreensão desse universo complexo e perpassado por sentimentos contraditórios dos internos, dos funcionários e da sociedade, a exposição se divide em eixos temáticos: *Trabalho, Família, Sociabilidade, Vida na prisão e Infraestrutura do sistema*; **Comida e Cárcere**- instalada no prédio onde funcionava a padaria do presídio – a mostra apresenta, em três módulos: *Aquisição, Preparo e Consumo*, a rotina alimentar na penitenciária da Vila Dois Rios até sua desativação; **Arte e ciência das formas e padrões da natureza**: exposição fotográfica que tras para dentro dos muros do antigo presídio, um pouco da exuberância da flora e da fauna de um dos mais ricos ecossistemas das Américas, a Mata Atlântica circundante; **Ecomuseu Recicla**: resultado de um projeto de aproveitamento de resíduos sólidos, em desenvolvimento com a comunidade de Dois Rios, a exposição apresenta trabalhos em lata, madeira, pet, principalmente flores, peixes e borboletas, móveis e bonecas de retalhos de tecido, confeccionados por artesãos locais.

O museu é uma instituição viva, dinâmica. As suas exposições não devem ser estáticas ou reproduzir um ambiente de um antiquário. Devem cumprir com a sua missão de forma a provocar no público mais do que uma “visita”, uma curiosidade, uma busca de produção de conhecimento a partir da interação com o seu conteúdo.

Em “100 anos de presídios na Ilha Grande” e em “O Sistema Penitenciário do Rio de Janeiro: Ontem e Hoje”, o público é convidado a conhecer e refletir criticamente sobre a história das unidades prisionais, através de imagens. Numa estão passado e presente das unidades prisionais que integram o sistema penitenciário estadual, o segundo maior, o mais antigo e mais importante do Brasil, os elementos da sua infraestrutura, do tratamento prisional, das condições de vida e cumprimento da pena. Noutra, as unidades prisionais da Ilha Grande, de grande importância histórica, sua trajetória até a desativação e as consequências para a comunidade. Em ambas o público é convidado a uma reflexão crítica sobre a questão do cumprimento da pena com privação de liberdade e suas precárias e desumanas condições. Nesta mesma direção, embora com um enfoque mais específico na questão da alimentação, temos a “Comida e Cárcere”.



As duas outras mostras rompem os muros do museu, no sentido que trás para o interior do antigo presídio realidades que, enquanto o sistema prisional existiu, lhe eram externas. A primeira se refere à flora e à fauna da ilha, revelando uma das preocupações do Ecomuseu: o meio ambiente e o compromisso que temos com sua defesa e equilíbrio. A partir da desativação do sistema prisional, em 1994, a ilha vem recebendo afluxo cada vez maior de turistas, o que demanda um plano eficiente de convívio com o meio ambiente e de combate ao turismo predador. A segunda, ao tratar da reciclagem de materiais, aponta para dois objetivos principais: o combate ao resíduo sólido, altamente poluidor do meio ambiente e a geração de renda para a população local, transformada pela oportunidade da produção artesanal.

Desse modo, o Ecomuseu, por meio das exposições do Museu do Cárcere acredita estar contribuindo para a reflexão e novas posturas diante de questões tais como justiça social, cidadania, meio ambiente e melhoria de condições de vida.

Enfim, o Museu do Cárcere / Ecomuseu Ilha Grande da UERJ cumpre seu papel de agente transformador da realidade social.

## Bibliografia

CHAGAS, Mario. Museu: coisa velha, coisa antiga. Rio de Janeiro, UNIRIO, 1987, 20p.

\_\_\_\_\_. Museália. Rio de Janeiro:JC Editora,1996. 121p

CURY, Marília Xavier. Exposição, comunicação museológica e pesquisa: um desafio para todos. Museologia Hoje. Nº 2, 2º / 2008. Disponível em <http://www.museologiahoje.com.br/>.

MENEZES, Ulpiano Bezerra de. Museus Históricos: da celebração à consciência Histórica. Como explorar um museu histórico. São Paulo: Museu Paulista: USP, 1992.

\_\_\_\_\_. Educação e museus: sedução, riscos e ilusões. Ciências & Letras. Educação e Patrimônio. Histórico-Cultural. N.27. p.91-101, Edição Jan/Jun. 2000.

Museums and Galleries Commission. Planejamento de Exposições / Museums and Galleries Commission; tradução de Maria Luiza Pacheco Fernandes. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Vitae, 2001. – (Série Museologia, 2)

NASCIMENTO JUNIOR, José. Museus como agentes de mudança social e desenvolvimento, in: Revista MUSAS, Brasília: IBRAM, 2009 (n.4).